

ETNOGRAFIA COMO TEORIZAÇÃO PROFUNDA EM LINGUÍSTICA APLICADA: A RELEVÂNCIA DO DIÁRIO DE ESCRITA ACADÊMICA

ETNOGRAFÍA COMO TEORIZACIÓN PROFUNDA EN LINGÜÍSTICA APLICADA: LA
RELEVANCIA DEL DIARIO DE ESCRITURA ACADÉMICA

ETHNOGRAPHY AS DEEP THEORIZING IN APPLIED LINGUISTICS: THE RELEVANCE OF
THE ACADEMIC WRITING DIARY

Rómina de Mello Laranjeira*

Universidade Federal de Ouro Preto

Flávia Danielle Sordi Silva Miranda**

Universidade Federal de Uberlândia

Larissa Giacometti Paris***

Universidade Federal de Lavras

* Pós-Doutora em Letras e Doutora em Educação. Atualmente, é Professora Adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto e docente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da mesma universidade. E-mail: romina.laranjeira@ufop.edu.br .

** Pós-Doutora em Linguística Aplicada e doutora na mesma área. Atualmente, é Professora Adjunta do Núcleo de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Uberlândia e docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL-UFU) e do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS-UFU). E-mail: flaviasordi@gmail.com.

*** Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente, é Professora Adjunta da Universidade Federal de Lavras (UFLA). E-mail: larissagparis@gmail.com.

RESUMO: Neste artigo, três pesquisadoras da Linguística Aplicada (LA) retomam concepções de etnografia como *método*, *metodologia* e *teorização profunda* (Lillis, 2008) para argumentar a favor da perspectiva etnográfica em investigações no seio dos letramentos acadêmicos. O objetivo é situar, definir, exemplificar e defender a *etnografia como teorização profunda*, com foco em trabalhos do campo teórico-epistemológico dos Letramentos Acadêmicos (Lea; Street, 1998). Como uma possibilidade que relaciona teoria e prática, privilegiam o diário de escrita acadêmica, instrumento produtivo, que materializa a *etnografia como teorização profunda*. Dessa maneira, as autoras apresentam a concepção do instrumento e selecionam, de uma pesquisa etnográfica maior, excertos de diários de três doutorandos das áreas de Ciências Sociais, Humanas e Biológicas, com o intuito de exemplificar seu uso e esclarecer princípios, conceitos e modos de fazer etnografia da linguagem. A mobilização do referido instrumento permitiu concluir que, para além de sua contribuição, ao embasar investigações etnográficas epistemologicamente, reforça ainda a importância de seu desenvolvimento para estudos em LA, caracterizados pela transdisciplinaridade e reflexão social, com ênfase nas práticas de escrita acadêmica.

PALAVRAS-CHAVE: Diário de escrita acadêmica. Etnografia. Linguística Aplicada.

RESUMEN: En este artículo, tres investigadoras de Lingüística Aplicada (LA) revisan conceptos de etnografía como *método*, *metodología* y *teorización profunda* (Lillis, 2008) para argumentar a favor de la perspectiva etnográfica en las investigaciones dentro de las literacidades académicas. El objetivo es situar, definir, ejemplificar y defender la *etnografía como teorización profunda*, centrándose en trabajos en el campo teórico-epistemológico de las literacidades académicas (Lea; Street, 1998). Como posibilidad que relaciona teoría y práctica, las autoras eligen el diario de escritura académica, un instrumento produtivo que materializa la etnografía como teorización profunda. De esta manera, ellas presentan su concepción y seleccionan, a partir de una investigación etnográfica más amplia, extractos de diarios de tres estudiantes de doctorado en las áreas de Ciencias Sociales, Humanas y Biológicas, con el objetivo de ejemplificar su uso y esclarecer principios, conceptos y formas de hacer etnografía del lenguaje. El uso del diario de escritura académica permitió concluir que, además de su aporte al apoyar epistemológicamente las investigaciones etnográficas, este instrumento refuerza la importancia de su desarrollo para los estudios en LA, caracterizados por la transdisciplinariedad y la reflexión social, con enfoque en las prácticas de escritura académica.

PALABRAS CLAVE: Diario de escritura académica. Etnografía. Lingüística Aplicada.

ABSTRACT: In this article, three Applied Linguistics (AL) researchers revisit concepts of ethnography as a *method*, *methodology* and *deep theorizing* (Lillis, 2008) to argue in favour of the ethnographic perspective in investigations within Academic Literacies. The objective is to situate, define, exemplify, and defend *ethnography as deep theorizing*, focusing on works in the theoretical-epistemological field of Academic Literacies (Lea; Street, 1998). As a possibility that relates theory and practice, the authors choose the academic writing diary, a productive instrument that materializes ethnography as deep theorizing. Thus, they present the conception of this instrument and select, from a larger ethnographic research, excerpts from three doctoral students' diaries in the areas of Social, Human, and Biological sciences, with the aim of exemplifying its use and clarifying principles, concepts, and ways of working on linguistic ethnography. By using the academic writing diary as an instrument, the authors conclude that, in addition to its contribution to epistemologically supporting ethnographic investigations, it also reinforces the importance of its development for studies in AL characterized by transdisciplinarity and social reflection, with a focus on academic writing practices.

KEYWORDS: Academic writing diary. Ethnography. Applied Linguistics.

1 INTRODUÇÃO

A escrita acadêmica é tema que tem interessado pesquisadores(as) brasileiros(as) das mais diversas inclinações teóricas, desde a Linguística Sistêmico-Funcional, Retórica, Análise do Discurso, Interacionismo Sociodiscursivo, Estudos de Gêneros Textuais e/ou Discursivos, etc. (Miranda; Fiad, 2024). De um modo geral, as pesquisas que privilegiam objetos de investigação nesta temática focam, geralmente, no texto e/ou no discurso. Em nossos estudos sobre o tópico, temos percebido que, na maioria das abordagens e perspectivas no contexto brasileiro, a etnografia é usada apenas como método ou como metodologia.

Isso nos levou a ponderar que é importante discutir *o que é etnografia* e, portanto, *como se pode fazer etnografia, em nossa área* a Linguística Aplicada (doravante, LA) – de forma mais abrangente –, e também no campo de estudos dos Letramentos Acadêmicos¹ (Lea; Street, 1998) – de modo mais específico, por ser essa a nossa filiação teórico-metodológica.

Uma das estudiosas do campo chegou a promover a *etnografia como teorização profunda* (Lillis, 2008). Em contrapartida, embora exista um conjunto sólido de pesquisas sobre escrita acadêmica, no eixo de ensino e/ou de pesquisa, notamos ser escassa a bibliografia em português sobre esse uso da etnografia nas investigações de práticas acadêmicas, no campo em que nos circunscrevemos. Dessa forma, consideramos que muitos estudantes de graduação e, até, de mestrado ou doutorado podem não ter tanto acesso à produção acadêmica que é vasta em língua inglesa, por exemplo. Por sabermos que a barreira linguística é fator importante na escolha e na seleção de repertório teórico (Lillis; Curry, 2010; Navarro *et al.*, 2023), pensamos que este trabalho contribui, também, para a formação desses(as) pesquisadores(as)². Assim, o objetivo deste artigo é situar, definir, exemplificar e defender o conceito de etnografia como *teorização profunda* nas pesquisas em Letramentos Acadêmicos na LA.

Para tanto, primeiramente, situamos a etnografia na área da Linguística Aplicada, evocando a noção de *etnografia da linguagem*. Em seguida, de forma mais específica, definimos e discutimos a *etnografia como teorização profunda*. Em terceiro lugar, apresentamos o diário de escrita acadêmica como exemplo de instrumento possível de ser empregado em investigações que assumem essa perspectiva. Por fim, elaboramos algumas considerações finais, com intenção de consolidar a etnografia como teoria nas pesquisas da LA em Letramentos Acadêmicos.

2 FAZER ETNOGRAFIA DA LINGUAGEM NA LINGUÍSTICA APLICADA

Assumimos, neste trabalho, a concepção teórico-metodológica da *etnografia da linguagem*, tal como proposta por Rampton, Maybin e Roberts (2014) e por Garcez e Schulz (2015). Esses últimos a definem como uma forma de construir “conhecimentos acerca das ações humanas realizadas por meio do uso da linguagem” (Garcez; Schulz, 2015, p. 02), abordando a língua, a cultura e a sociedade em conjunto.

Para Rampton, Maybin e Roberts (2014), a preferência pelo uso da expressão *etnografia da linguagem* ocorre, especialmente, por nenhum dos três pesquisadores serem antropólogos, assim como nenhuma das três autoras deste artigo, que se identificam como linguistas aplicadas. A ênfase no complemento *da linguagem*, portanto, lança luz para o foco nas práticas de linguagem, as quais abordamos em nossas pesquisas e constituem nossa principal preocupação enquanto docentes e pesquisadoras. O mesmo efeito de sentido talvez não seria construído caso a opção fosse por *etnografia linguística*, uma vez que poderia se criar a expectativa de que seria realizada uma etnografia com base em teorias exclusivas da área da Linguística, por exemplo.

Na *etnografia da linguagem*, essa última é o *locus* de pesquisa (Jung; Machado e Silva; Pires-Santos, 2019). Portanto, o(a) pesquisador(a) busca realizar observações específicas de ocorrências reais e particulares, mediadas por práticas de linguagem situadas ecologicamente (Garcez; Schulz, 2015). Trata-se daquilo que Kleiman, Vianna e de Grande (2019, p. 737) denominaram como “contextualização profunda”, a qual, por meio de um olhar circunstanciado, possibilita compreender as percepções que os participantes têm sobre as práticas linguísticas com as quais estão engajados e suas especificidades. Assim, “os trabalhos etnográficos não permitem generalizações nem descrevem o fato tal qual ele ocorre (descrição da fala), mas são relações de interconhecimento com a realidade vivida, que permitem incluir outros contextos, outras realidades” (Jung; Machado e Silva; Pires-Santos, 2019, p. 156).

¹ Neste trabalho, o termo “Letramentos Acadêmicos”, escrito com as iniciais maiúsculas, indica a abordagem teorizada por Lea e Street (1998), já a expressão “letramentos acadêmicos”, com as iniciais minúsculas, faz referência às práticas letradas que se inserem no meio acadêmico-científico.

² A esse respeito, sugerimos a leitura do capítulo “A construção de uma abordagem crítica, dialógica para a pesquisa sobre letramento multilíngue - diários de participantes e entrevistas”, de autoria de Jones, Martin-Jones e Bhatt (2012), justamente traduzido para a língua portuguesa.

Com efeito, Garcez e Schulz (2015) argumentam que, ao partir da visão dos participantes, conseqüentemente, ocorre uma descentralização da perspectiva do(a) próprio(a) pesquisador(a) sobre o que está acontecendo naquele “aqui-e-agora”, evitando a adoção de modelos etnocêntricos, tal como o modelo autônomo de letramento (Street, 1984), por exemplo. A esse respeito, o(a) pesquisador(a) precisa se esforçar em “fazer o que é familiar ficar estranho, problemático, visível, passível de exame e reflexão” (Garcez; Schulz, 2015, p. 18), ou seja, estranhar o cotidiano, aquilo que é dado como normal, natural ou esperado. Em outras palavras, “ver o que não se enxergava” (Pires-Santos *et al.*, 2015, p. 59).

Nessa mesma linha de raciocínio, Jung, Machado e Silva e Pires-Santos (2019) posicionam-se contra a pretensa ideia de o(a) pesquisador(a) *dar voz* aos participantes da pesquisa, preferindo a expressão *dar ouvidos*, o que busca tornar menos assimétricas as relações de poder. Nesse sentido, abre-se espaço para ouvir os participantes e valorizar seus conhecimentos e perspectivas na esfera acadêmico-científica, “[...] com o objetivo de conferir visibilidade a seus saberes, seus letramentos, seus processos de formação” (Kleiman; Vianna; de Grande, 2019, p. 738).

Essa mudança de paradigma na *etnografia da linguagem* implica tratar os participantes verdadeiramente como interlocutores, não para escutar o que queremos, mas, sim, para ouvir o que têm a dizer (Jung; Machado e Silva; Pires-Santos, 2019), valorizando suas agentividades e heterogeneidades (Kleiman; de Grande, 2015). Desse modo, a *etnografia da linguagem* possibilita democratizar formas de conhecimento (Lucena, 2015) ao dar ouvidos e visibilidade a “práticas situadas de linguagem pouco valorizadas em relação a discursos hegemônicos” (Lucena, 2015, p. 79).

Vale ressaltar que, ainda que tenha surgido na Antropologia, a etnografia tem sido adotada por pesquisadores(as) de diversas áreas e, segundo Rampton, Maybin e Roberts (2014), possui potencial relevância para outros campos. De acordo com Jung, Machado e Silva e Pires-Santos (2019), na Linguística Aplicada, a etnografia tem sido uma prática recorrente para a produção de conhecimento, especialmente porque supõe linguagem e sociedade como indissociáveis. A esse respeito, Garcez e Schulz (2015) asseguram que é justamente o trabalho de campo guiado por questões de pesquisa específicas sobre o uso da linguagem, em práticas sociais situadas, que tem tornado a *etnografia da linguagem* uma escolha teórico-metodológica frequente em investigações da LA.

Ainda de acordo com Garcez e Schulz (2015), se o conhecimento construído, na área da Linguística Aplicada, se constitui a partir de análises de práticas de linguagem socialmente situadas, o aporte metodológico da *etnografia da linguagem*, de fato, pode contribuir para as bases epistemológicas da área, garantindo, assim, que a etnografia sirva como base teórica-metodológica de uma pesquisa em LA, e não somente como um método a ser empregado.

Segundo Jung, Machado e Silva e Pires-Santos (2019), o fazer etnográfico deve ser também entendido como um ato político, em sentido amplo. Para tanto, segundo as autoras, o(a) pesquisador(a), ao investigar as práticas linguísticas de um determinado grupo em um contexto situado, buscando, ainda, compreendê-las a partir da visão dos participantes, tem como dever estabelecer uma política de conhecimento que indica a pertinência de tais práticas entre os pares acadêmicos. Dessa forma,

[...] ao tentar elucidar nossos problemas de pesquisa, [...] estamos ao mesmo tempo respondendo às demandas sociais cotidianas e às demandas das instituições governamentais com suas políticas para a educação, como ocorre na maioria das pesquisas em LA (Jung; Machado e Silva; Pires-Santos, 2019, p. 148).

Assim, é possível conceber a etnografia como política em ação (Jung; Machado e Silva; Pires-Santos, 2019), uma vez que as investigações científicas, em LA, consideram também os desafios sociais de nossas sociedades e buscam construir inteligibilidades sobre eles.

Especificamente, nos Estudos Socioculturais de Letramentos, há uma forte orientação etnográfica (Street; Lea; Lillis, 2015). Pesquisadores desse campo começaram a usar métodos pertencentes à etnografia, bem como a assumir seus pressupostos ontológicos e epistemológicos, para observar e descrever as interfaces entre práticas socioculturais e a oralidade, leitura e escrita

em contextos específicos. Nesse sentido, a *etnografia da linguagem* tem se mostrado adequada por buscar o entendimento dos significados das práticas locais de oralidade, leitura e escrita.

De acordo com Kleiman e de Grande (2015), o olhar etnográfico, então, orienta-se para as particularidades dos usos da escrita nas interações dos participantes, em detrimento de julgar o que eles deixam de fazer com base em padrões pré-estabelecidos. Street, Lea e Lillis (2015) ressaltam, ainda, que adotar a etnografia obriga o(a) pesquisador(a) a suspender suas próprias suposições em relação ao que vale como letramento, visando observar o que as pessoas, de fato, estão fazendo. Assim, o objetivo dessas pesquisas é entender o que conta como letramento de forma situada e como as pessoas agem em determinadas práticas, quais concepções possuem sobre si mesmas e sobre as práticas sociais das quais participam, além do modo como (re)constróem suas identidades em certos eventos de letramentos (Kleiman; De Grande, 2015).

Com isso, ao invés de elaborarmos categorias prévias generalizantes sobre o que vale como letramento, com base em um modelo autônomo (Street, 1984), buscamos, na *etnografia da linguagem*, compreender as pessoas (Garcez; Schulz, 2015) e as relações socioculturais que estabelecem com as práticas de oralidade, leitura e escrita em cenários concretos e complexos (Ivanič, 1998). Como o interesse dos Estudos Socioculturais de Letramentos é buscar entender os usos da escrita “na construção de relações sociais baseadas no poder; nas conexões entre poder e conhecimento; na construção de conhecimentos e de identidades na e pela interação em situações concretas de comunicação intercultural no mundo contemporâneo” (Kleiman; De Grande, 2015, p. 23), a *etnografia da linguagem* se mostra como a fundamentação teórico-metodológica que melhor contribui para investigar questões dessa natureza.

A nosso ver, a não explicitação dos princípios epistemológicos que fundamentam a etnografia nas pesquisas tende a tomá-la apenas como método para a geração de dados, no momento da ida a campo (Jung; Machado e Silva; Pires-Santos, 2019), ignorando-a como aporte teórico-metodológico. Ao contrário, defendemos que a etnografia da linguagem seja empregada como *teorização profunda* (Lillis, 2008), visto que “[...] a etnografia é mais que um método, é a própria teoria vivida” (Pires-Santos *et al.*, 2015, p. 38). É sobre isso que discutiremos na seção a seguir.

3 A DECISÃO DO(A) PESQUISADOR(A) PELA ETNOGRAFIA COMO TEORIZAÇÃO PROFUNDA NA LINGUÍSTICA APLICADA

A expressão *etnografia como forma de teorização profunda*³ é conceitualmente explorada no trabalho de Lillis (2008, p. 355, tradução nossa), que desenvolve essa perspectiva, dialogando com Blommaert (2007), o qual já havia defendido a etnografia teoricamente. Como pesquisadoras que atuam na Linguística Aplicada, apropriadamente assumimos esse posicionamento para orientar, teórico-metodologicamente, pesquisas na área, especialmente quando o tópico é letramentos acadêmicos. Aliás, estudos brasileiros, em LA, nossos e de outros(as) pesquisadores(as) (cf. Fiad, 2013; Laranjeira; Paris, 2020; Miranda, 2016; Pasquotte-Vieira, 2015; Paris, 2021), têm se baseado nessa visão etnográfica, no âmbito da esfera acadêmica.

Esses trabalhos retomam o artigo “Ethnography as Method, Methodology, and ‘Deep Theorizing’: Closing the Gap Between Text and Context in Academic Writing Research”, de Theresa Lillis, publicado em 2008. No texto, a pesquisadora volta-se, especificamente, para investigações que envolvem a escrita acadêmica e distingue a *etnografia como forma de teorização profunda* como um terceiro nível, face a outros dois níveis também existentes, a saber, *etnografia como método* e *etnografia como metodologia* (Lillis, 2008). Para resumir, no primeiro caso, o(a) pesquisador(a) decidiria por um método de conversar com quem escreveu os textos acadêmicos para compreender elementos do contexto e, no segundo, o(a) pesquisador(a) recorreria a diferentes fontes de geração de dados, a fim de abordar as escritas acadêmicas de maneira situada. Já, no terceiro, o(a) pesquisador(a) buscaria por uma retroalimentação entre o texto e o contexto nas pesquisas com escrita acadêmica, ou seja, entre os contextos macro e micro dos letramentos acadêmicos (cf. quadro 2).

³ No original: “ethnography as ‘deep theorizing’”.

Diante dessa classificação, a autora aponta aspectos positivos para o estudo da escrita acadêmica quando se opta por trabalhar com qualquer um dos três níveis, considerando que todos propiciariam uma abordagem de outros elementos na análise dos textos acadêmicos, nos contextos pesquisados, além daqueles próprios. Todavia, a estudiosa problematiza os dois primeiros níveis, explicitando uma preocupação legítima de que eles continuariam mantendo “a lacuna ontológica entre texto e contexto”⁴ (Lillis, 2008, p. 362, tradução nossa), de forma ainda mais acentuada no primeiro nível.

A autora elucida, por exemplo, quando, nesse primeiro nível, por vezes, uma única conversa ou entrevista sobre a escrita acadêmica é estendida para se fazer generalizações sobre as práticas de letramentos acadêmicos do(a) participante da pesquisa ou mesmo de determinado contexto. Outra situação que a pesquisadora ilustra como crítica, já no que diz respeito ao segundo nível, é de serem desenvolvidas análises separadas do texto acadêmico – ainda por meio de categorias predominantemente textuais – e do contexto de que aquela escrita faz parte, não se estabelecendo uma integração entre ambos.

Por conseguinte, Lillis (2008) determina o terceiro nível, conforme sua classificação para uso da etnografia nas pesquisas, como o mais adequado quando o tópico é a escrita acadêmica em sua concepção como prática social. Nas palavras da autora: “Teoricamente, a relação texto-contexto na pesquisa que se baseia explicitamente e usa a etnografia, como os Novos Estudos dos Letramentos (cf. Barton *et al.*, 2000) e os estudos dos Letramentos Acadêmicos (cf. Lea; Street, 1998; Lillis; Scott, no prelo) é através da noção de prática⁵ (Lillis, 2008, p. 374, tradução nossa).

Ademais, dentre as formas analíticas de se desenvolver uma *etnografia como teorização profunda*, Lillis (2008) apresenta as noções de *indexicalidade* e *orientação* como possibilidades concretas, mas não engessadas, para construir análises que conectem os textos acadêmicos e os contextos “[...] a noção de *indexicalidade* - isto é, os modos específicos com que partes linguísticas (fala, escrita) indexam, ou apontam para aspectos do contexto social - e *orientações* - que são como falantes/ouvintes orientam o que é dito e escrito, ambos os aspectos estando integrados sócio-historicamente”⁶ (Lillis, 2008, p. 376, grifos da autora, tradução nossa).

Vemos, pois, duas noções que, em uso pelos(as) pesquisadores(as), não cerceiam as potencialidades de os dados serem abordados nas pesquisas. Ademais, não são as únicas, como demonstraremos com a retomada de pesquisas brasileiras, em LA, que decidiram por tal orientação etnográfica, no próximo subtópico. Assim, com base na argumentação da estudiosa, podemos afirmar que, a despeito de em todos os níveis ser possível identificar aspectos positivos para as pesquisas sobre escrita acadêmica que visam ser contextualizadas, há uma diferença essencial entre eles que escapa à consideração ou não do contexto, já que todos o levam em conta de algum modo, seja qual for o entendimento de etnografia adotado.

A questão distintiva se encontraria, então, na decisão do enfoque analítico do(a) pesquisador(a) mediante os textos acadêmicos e seus contextos. Por conseguinte, escolher por enfatizar um ou outro nível de etnografia incidiria no que se pretende, ou melhor, no que se está disposto a encontrar e a problematizar (ou não) com uma pesquisa que inclui pessoas, textos e contextos. Por exemplo, se um estudo identifica um conflito em um contexto de produção de escrita acadêmica e, mesmo considerando sua existência para os participantes, aborda-o em termos de que ele seja “sanado” sem problematizações, a pesquisa permaneceria nos dois primeiros níveis etnográficos. Em contrapartida, se a investigação suscita aspectos sócio-históricos e ideológicos, como relações de poder envolvidas no conflito para questionar estados de coisas vigentes e apoiar transformações (Lillis *et al.*, 2015), ela se alinharia ao terceiro nível.

Sobre esses posicionamentos das pesquisas com Letramentos Acadêmicos, Zavala (2010, p. 84-85) nos alerta para o fato de que

⁴ No original: “the ontological gap between text and context” (Lillis, 2008, p. 362).

⁵ No original: “Theoretically, the text-context relationship in research explicitly drawing on and using ethnography, such as new literacy studies (see Barton *et al.*, 2000) and academic literacies studies (see Lea & Street, 1998; Lillis & Scott, in press) is through the notion of practice” (Lillis, 2008, p. 374).

⁶ No original: “the notion of *indexicality* — that is, the specific ways in which bits of language (speech, writing) index, or point to aspects of social context — and *orientations* — that is how speakers/hearers orient to what is said and written, both aspects being embedded socio-historically” (Lillis, 2008, p. 376, grifos da autora).

[...] examinar como diferentes grupos linguísticos e culturais constroem diversos textos em circunstâncias diferenciadas não é suficiente. [...] É importante situar a produção do letramento acadêmico no marco das relações geopolíticas e reconhecer que as formas dominantes de construção do conhecimento se vinculam com certos grupos sociais que funcionam como “guardiões” do conhecimento no mundo acadêmico (Canagarajah, 2002). Isso pode ser visto, por exemplo, no “guardamento” que exercem os avaliadores das revistas arbitradas por diferentes disciplinas para a produção de conhecimento. Se a convenção constitui o trabalho que faz o poder no tempo, falar dos usos linguísticos que são “apropriados” ou não para certos contextos somente faz esconder as relações de poder que produziram essas convenções.

Tão logo, argumentamos que a perspectiva da *etnografia como teorização profunda* favorece não somente compreensões sobre o que está acontecendo, mas permite uma desestabilização de práticas de letramentos acadêmicos que envolvem esses “guardiões do conhecimento no mundo acadêmico” (Canagarajah, 2002 *apud* Zavala 2010, p. 84-85). Isso, a nosso ver, é coerente com estudos dos Letramentos Acadêmicos (Lea; Street, 1998), situados no campo da Linguística Aplicada e, portanto, argumentaremos, doravante, a favor da *etnografia como teorização profunda*, por meio do apoio a trabalhos de linguistas aplicados brasileiros para fazermos algumas considerações acerca da adoção dessa perspectiva.

3.1 PESQUISAS AMPARADAS NA ETNOGRAFIA COMO TEORIZAÇÃO PROFUNDA

Evocamos alguns trabalhos⁷ do campo dos Letramentos Acadêmicos (Lea; Street, 1998), situados na LA brasileira, orientados pela *etnografia como teorização profunda*, tal qual defendida por Lillis (2008). O intuito é sustentar como essa decisão dos(as) pesquisadores(as) que trazemos ao diálogo – Fiad (2013), Pasquotte-Vieira (2015), Miranda (2016), Paris (2021) e Silva Oliveira (2021) – permitiu que fossem desenvolvidas análises que não dissociavam os textos e os contextos, em suas pesquisas.

No quadro que segue, as pesquisas foram elencadas, em ordem cronológica (coluna 1), de forma a se evidenciar como abarcaram concomitantemente contextos e textos (coluna 2). Além disso, buscamos explicitar como as análises dos dados gerados nas pesquisas recorreram a diferentes aportes teórico-metodológicos (cf. coluna 3), ainda que todas elas se dispusessem a desenvolver uma *etnografia como teorização profunda*. Na penúltima coluna, trazemos excertos dos autores e, na última, destacamos contribuições das pesquisas:

| Autora | Contexto + Texto | Análise | Excertos | Contribuições |
|-------------------------|---|---|--|---|
| Fiad (2013) | Curso de Letras de uma universidade pública; disciplina de graduação; textos da disciplina (primeira versão e reescrita); interações (comentários de colegas e respostas dos autores) | Paradigma Indiciário (Ginzburg, 1986), História do Texto (Lillis, 2008), Dialogismo (Bakhtin, 1992) | “O acompanhamento dos textos de um escrevente e dos diálogos travados com seus leitores/interlocutores vai permitindo uma análise que complementa o que nos é possível depreender através dos indícios deixados nos textos” (p. 477) | Abordagem de diálogos entre participantes no ensino da escrita acadêmica. |
| Pasquotte-Vieira (2015) | Exame de qualificação de mestrado em Agricultura e | Paradigma Indiciário (Ginzburg, 1986), | “Sem a consideração sobre as vozes e a | Abordagem dos sujeitos discursivos |

⁷ As pesquisas abordadas são de pesquisadores vinculados ao grupo de pesquisa “Escrita: ensino, práticas, representações e concepções” (CNPq), liderado pela professora Raquel Salek Fiad.

| | | | | |
|----------------|---|---|---|--|
| | Ambiente de uma universidade pública; texto da dissertação de uma estudante; interações com os professores da banca (orais e escritas) e entrevista. | História do Texto (Lillis, 2008), Dialogismo (Bakhtin/Voloshinov, 2006). | responsividade dos sujeitos e se apenas o texto fosse tomado para a análise, certamente, não teria ficado perceptível que foi no diálogo e, portanto, no processo de alteridade, que ocorreu toda a negociação a partir da qual os sujeitos se (re)posicionaram e (re)significaram as práticas escritas discutidas.” (p. 708) | para compreensão de seus textos. |
| Miranda (2016) | Curso de Letras de uma universidade pública; disciplina de graduação; textos da disciplina, interações entre estudantes e professoras (orais, escritas e multimodais); entrevistas e questionários com estudantes; entrevistas com professores e documentos oficiais do contexto. | Enunciados concretos (Bakhtin/Volochínov, 1926), Dialogismo (Bakhtin, 2003), Sujeitos do discurso (Corrêa, 2011). | “considerar unicamente o discurso verbal apreendido não captaria a parte não verbalizada dessas situações que estão cooperando, igualmente, para a construção de seus sentidos, levando-me a rememorar o que estava implícito nos discursos (gestos, entonações, hierarquias sociais, relações de poder, afetividade, desavenças, etc.) e, simultaneamente, questionar o que foi dito/escrito nessas situações ou não-dito e minha própria interpretação.” (p. 260) | Abordagem crítica e reflexiva de tecnologias digitais em práticas de letramentos acadêmicos. |
| Paris (2021) | Programas de Pós-Graduação em Ciências Biológicas e da Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Sociais e Arte, e Tecnológica de uma universidade pública; capítulos de tese de doutorandos; interações entre estudantes e mediadores; história do letramento, entrevistas/conversas sobre os textos. | Conversas cíclicas ao redor do texto (Ivanič, 1998); História do texto (Lillis, 2008) e documentos oficiais da instituição. | “são as interações com os diferentes mediadores que possibilitam que as escritas das teses ou dos artigos científicos sejam revisitadas e transformadas. As interações com os mediadores, nesse sentido, oportunizam reescritas ao longo do processo de escrita. Por outro lado, a falta de interações com os mediadores pode | Abordagem de mediadores de letramento nos processos de escrita acadêmica. |

| | | | | |
|-----------------------|---|---|---|---|
| | | | prejudicar a escrita dos doutorandos, podendo ser associada ao sentimento de abandono, por exemplo” (p. 197) | |
| Silva Oliveira (2021) | Práticas de letramento de alunas negras, ativistas em um coletivo de estudantes negros/as de uma universidade pública do estado de São Paulo; histórias de letramento; entrevistas com as participantes; conversas sobre os textos escritos | Dialogismo bakhtiniano; história de letramento (Lillis, 2008), identidade (Ivanič, 1998). | “a pesquisa que realizei adota uma perspectiva etnográfica como ponto de partida: para o contato com as participantes da pesquisa e a realização das entrevistas; para observação do contexto e tomada de notas; para uma perspectiva de análise que alia o texto escrito à história de letramento das participantes e às práticas por elas descritas” (p. 49). | Abordagem de identidades e agências de estudantes negras em práticas de letramentos acadêmicos. |

Quadro 1: Pesquisas brasileiras na perspectiva da *etnografia como teorização profunda*

Fonte: Elaborado pelas autoras

Como se pode notar pelo detalhamento das pesquisas, os textos acadêmicos que foram englobados nunca se constituíram nos únicos, nem nos últimos elementos das análises. Os dados analisados, no terceiro nível da etnografia, permitiram teorizações sobre as práticas em que esses textos se inscreveram, suscitando questões sociais: ensino, relações de poder, silenciamentos, conflitos, identidades sociais, etc. Mais do que isso, as pesquisas não somente problematizaram outros elementos, como provocaram reflexões, com contribuições que podem servir a propostas de ensino, de políticas institucionais e assim por diante. Com efeito, podemos afirmar que os(as) pesquisadores(as) em LA, cujos trabalhos aqui mobilizamos, posicionaram-se com suas escritas acadêmicas e engajaram-se socialmente com seus trabalhos, reclamando por mudanças, isto é, concebendo a etnografia como política em ação (Jung; Machado e Silva; Pires-Santos, 2019).

Por outro lado, essas investigações não se sustentaram apenas nos pressupostos etnográficos advindos dos Novos Estudos dos Letramentos (Street, 2003) e dos Letramentos Acadêmicos (Ivanič, 1998; Lea; Street, 1998), mas dialogaram com outros aportes, como o de Bakhtin e do Círculo e do Paradigma Indiciário, já bastante usados, no Brasil, e previamente articulados aos estudos dos Letramentos Acadêmicos, por exemplo, por Fischer (2007) e Fiad (2013), respectivamente.

Destarte, podemos dizer que os estudos em questão ampliam diálogos com estudos brasileiros, inclusive entre si, devido ao fato de serem pertencentes a um conjunto formado por pesquisadores(as) vinculados(as) a um mesmo grupo, concatenando-se, dando continuidade e oportunizando que outras investigações possam ser feitas, na LA, e em outras áreas⁸.

Considerando que essa orientação etnográfica apresenta poucas publicações em português, julgamos pertinente a elaboração de um quadro, em Língua Portuguesa, com a explicitação de técnicas e de instrumentos usados na perspectiva da *etnografia como teorização profunda*, com foco nos Letramentos Acadêmicos, a partir de estudos e conceitos já consolidados na literatura do campo:

⁸ Um exemplo que trata de pesquisas em Educação é o trabalho de Grimes *et al.* (2022), ao relacionar a *etnografia como forma de teorização profunda*, com base em Lillis (2008), e a análise microgenética.

| Princípios da etnografia como <i>teorização profunda</i> | Técnicas e instrumentos | Modos de desenvolvimento | Duração |
|--|--|--------------------------------|---|
| Centralizam-se os eventos e as práticas de letramento nas quais se engajam os participantes, assim como as suas perspectivas sobre eles. | <ul style="list-style-type: none"> • conversas informais no contexto observado • conversas sobre os textos • diários de escrita acadêmica | Híbrido | O critério temporal cronológico não constitui condição <i>sine qua non</i> para a pesquisa ser considerada etnográfica. |
| Privilegiam-se as práticas de linguagem. | <ul style="list-style-type: none"> • entrevistas • histórias de letramentos | presencial | Não é obrigatório estar um longo e/ou determinado período de tempo no campo. Trata-se, sim, do modo como se aborda a pesquisa, qual é a concepção de letramento, de sujeito, de texto, de prática de linguagem, de contexto, etc. |
| Analisam-se as relações macro e micro nas práticas de letramentos acadêmicos. | <ul style="list-style-type: none"> • histórias dos textos • <i>journey plot</i>⁹ • observação de eventos de letramentos | online | |
| Articulam-se os textos, contextos e discursos. | <ul style="list-style-type: none"> • rodas de conversa • textos e gêneros acadêmicos de participantes, em progresso ou publicados | por meio de textos manuscritos | |
| Consideram-se as dimensões sócio-históricas, relações de poder, identidades e ideologias. | | por meio de textos em áudio | |
| | | por meio de vídeos | |
| | | síncrono e assíncrono | |

Quadro 2: *Etnografia como teorização profunda* nos Letramentos Acadêmicos

Fonte: Elaborado pelas autoras

Por fim, como forma de colaborar com novos trabalhos que considerem tais elementos, trazemos, na próxima seção, um instrumento – o diário de escrita acadêmica – como uma possibilidade teórico-metodológica para subsidiar a perspectiva etnográfica como *teorização profunda*.

4 O DIÁRIO DE ESCRITA ACADÊMICA

O diário é um instrumento utilizado recorrentemente nos estudos etnográficos, além do campo da crítica genética, dos estudos sociológicos e nas pesquisas educacionais em diversas subáreas do conhecimento (Alaszewski, 2006; Machado, 1998), entre outros. Machado (1998, p. 29) sintetiza os conceitos-chave dos textos diaristas: “[...] fragmentação, descontinuidade, heterogeneidade de conteúdos e de parâmetros de comunicação, ausência de modelos fixos”.

Neste artigo, em particular, apresentamos o diário de escrita acadêmica para subsidiar a reflexão acerca do processo de escrita de doutorandos, tal qual foi construído e aplicado em uma pesquisa etnográfica, salientando que não se trata de um modelo, mas, antes, de uma proposta sujeita a alterações, até porque seria contraditório com o quadro conceitual. Dialogando com os

⁹ Trata-se de um instrumento multimodal que visa captar a jornada, como o próprio nome indica, “dos altos e baixos”, ou seja, os eventos positivos e/ou negativos durante determinado período.

procedimentos metodológicos do diário na etnografia (Alaszewski, 2006), as instruções foram facultadas aos participantes para posterior preenchimento. Reproduzimos, então, o instrumento utilizado na pesquisa¹⁰.

“Diário de tese – Por favor, leia com atenção as instruções seguintes, antes de começar a preencher o seu diário. Este diário está sendo solicitado pelo período de 3 meses com, no mínimo, um registro por semana. Cada registro deve incluir data, hora e lugar. (Ex.: 2ª feira, 21 horas, sala). Cada registro deve ser escrito o mais próximo possível do acontecimento ao qual se refere, de preferência no próprio dia. Por favor, seja totalmente honesta(o). (Ex.: se não tem observações a fazer porque não produziu nada para a tese, não faça nenhum registro). Por favor, escreva de forma fluida e livre, sem preocupações com caligrafia, ortografia, estrutura, linguagem. O seu diário pode ser em formato papel e manuscrito ou digital (no word ou e-mail). Se decidir fazer o diário em formato digital, pode enviar os registros aos poucos ou enviar tudo no final. O diário é sobre o processo de realização da sua tese de doutorado com foco na escrita acadêmica. Por favor, conte-me sobre a tese hoje e eventos com ela relacionados – por menores que possam parecer. À medida que preenche o diário, pense nos quatro tópicos seguintes:

- . eventos positivos que afetaram a sua leitura/escrita (ex.: um parente próximo que não via há algum tempo foi visitá-lo e isso deixou-a(o) feliz e motivada(o) para começar a semana de trabalho).*
- . eventos negativos que afetaram a sua leitura/escrita (ex.: o feedback do(a) orientador(a) não foi como o esperado, foi demasiado sintético, e isso bloqueou em parte a sua produtividade; escreveu um parágrafo a semana toda; um equipamento do laboratório avariou e o suporte técnico demorou uns dias, impedindo o avanço do trabalho).*
- . dificuldades no processo de escrita (ex.: dificuldade em ler certo autor e escrever a partir dele; não conseguiu aprofundar a discussão como desejaria).*
- . emoções (ex.: sentiu entusiasmo durante uns dias, mas depois desanimou e não entende por quê; a ansiedade tem atrapalhado o seu sono, lembra cansada(o) e não consegue escrever; sente-se feliz por ter um bom suporte dos colegas do grupo de pesquisa).*
- . outras observações que pareçam interessantes.*

Os registros podem ser sobre um ou vários tópicos simultaneamente, dependendo do dia e do acontecimento, e não têm nenhuma ordem em específico. Muito obrigada, mais uma vez, pela sua colaboração.

O termo diário aponta, de forma evidente, para a necessidade de fazer da escrita um hábito, não necessariamente diário, mas recorrente. O processo de inserção do(a) pós-graduando(a) em práticas discursivas da pós-graduação não se refere apenas às competências e habilidades de escrita acadêmica que o(a) estudante deve dominar (ou não). Esse processo requer também a aprendizagem, o desenvolvimento e o aprofundamento de hábitos de escrita em uma dimensão e temporalidade bem diferentes do que se exige na graduação. Nessa medida, ao solicitar um diário de escrita acadêmica, o(a) orientador(a), por exemplo, contribui para a desconstrução de concepções estandardizadas e homogêneas sobre o que é escrever na universidade e escrever para publicar, visto que, geralmente, elas reforçam a visão do *déficit* de escrita dos(das) pós-graduandos(as).

No decorrer da pesquisa, concluiu-se que esse instrumento estimula a reflexão e facilita o processo de escrita acadêmica, contribuindo de modo bastante positivo para a construção das identidades acadêmicas de pós-graduandos(as), como abordaremos na sequência.

4.1. PESQUISA COM OS DIÁRIOS SOBRE IDENTIDADES ACADÊMICAS

¹⁰ Para a construção do instrumento, foi fundamental a experiência da primeira autora deste trabalho no projeto de pesquisa *Dissertation/thesis writing across Europe: student writers' experiences*, desenvolvido no âmbito da *European Literacy Network*, entre 2016 e 2019.

No escopo deste artigo, os dados selecionados dizem respeito aos diários de tese de três participantes das áreas de Ciências Sociais, Humanas e Biológicas. Os dados analisados e discutidos correspondem, assim, a um recorte feito no *corpus* de uma pesquisa mais ampla em que a etnografia foi adotada como perspectiva epistemológica (Lillis, 2008), ou seja, como *teorização profunda*.

Assim, o diário de tese foi um instrumento criado no âmbito de uma pesquisa de pós-doutorado¹¹ sobre identidades acadêmicas de doutorandos de diversas áreas disciplinares, vinculados a instituições de ensino superior de São Paulo, capital. Mais particularmente, o objetivo geral da pesquisa foi compreender processos de (re)construção das identidades acadêmicas de doutorandos, focando o processo de escrita da tese.

Os excertos destacados, em seguida, permitem observar as vantagens de utilizar um instrumento que favorece a reflexão de pós-graduandos(as) e, dessa forma, compreender a etnografia como teoria e método (Lillis, 2008), no modelo dos Letramentos Acadêmicos (Lea; Street, 1998). Assim, com o intuito de pensar o diário como reflexão do processo de escrita de doutorandos, reproduzimos alguns excertos exemplificativos:

Clarice¹²:

(21/12) Perdi dois dias de escrita devido à enxaqueca. [...] meu orientador insistiu que eu ficasse em casa para não perder tempo com transporte e me dedicar à escrita. Ele é muito compreensível e sempre tenta me ajudar.

(02/01) Estou satisfeita pois a escrita flui bem.

(10/01) Vou começar a escrever a tese o mais rápido possível, pois me sinto atrasada. [...] Sou muito ansiosa e gosto de terminar as coisas rápido, mas impossível ser assim com a tese. Me cobro muito e isso me estressa.

(14/01) Minha ansiedade me mata. Além de ser muito complicado fechar a tese da forma [como] eu gostaria, tenho cobranças, tanto da parte do meu orientador, mas, principalmente minha, para escrever outro artigo relacionado ao primeiro capítulo da tese. [...]

(06/03) A preocupação constante do meu destino profissional atrapalha muito a escrita. Além disso, esses dias precisei preparar uma apresentação [... que] deveria ocorrer após o término da discussão, mas a pesquisadora entrará de férias. Isso atrapalhou tanto a apresentação que poderia estar melhor, quanto à escrita da tese, pois perdi muito tempo [...]

(10/04) Com os exemplares da tese impressos e entregues estou ficando mais tranquila aos poucos.

Cristiano:

(20/04) Este instrumento – o diário – me ajudará a refletir sobre o meu “processo de criação”. Estou encarando como uma espécie de pausa para autocrítica do meu próprio pensamento.

(21/04) Tenho uma certa dificuldade em trabalhar em minha tese aos finais de semana, perco o ritmo de trabalho, a não ser que esteja em uma situação de extrema pressão em relação aos prazos... e acho que estou chegando a esse momento.

(02/05) Os exercícios físicos têm me ajudado muito. De início parecia que o tempo a eles dispensado me atrapalharia [...] parava de pensar: “tenho que escrever, tenho que escrever, tenho que escrever...”.

(11/05) Pude confirmar, mais uma vez, que quando preciso frequentar o ambiente acadêmico, esse sempre me reanima em relação à pesquisa. É como beber de uma fonte revigorante. [...] Estou preocupado com o meu tempo que parece cada vez mais escasso, por isso, desisti de fazer uma tese “monumental” e revolucionária. A cada momento que passa tenho mais consciência de minhas limitações [...] isso me tem feito amadurecer como pessoa e como pesquisador, embora seja um pouco dolorido e angustiante. [...]

¹¹ O projeto foi desenvolvido com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ao abrigo do PNPd, no período entre 2017-2019, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da mesma universidade com o número CAAE 14162918.2.0000.0084.

¹² Os nomes dos participantes são pseudônimos. Os dados dos diários são fiéis à escrita dos participantes. Em certos excertos, inserimos xxx para preservar a identificação de nomes de locais/instituições.

(18/05) Tenho escrito o diário assim que chego do trabalho. Um bom momento para encerrar minha reflexão não só sobre o que escrevi, mas também sobre o que pensei acerca do que fora escrito. [...] Às vezes sou tomado por uma ansiedade terrível.

(25/05) Gás total!!! Preparando, entusiasmado, o texto para ser apresentado na orientação.

(01/06) Junho chegou!!! Não sei se feliz ou infelizmente... Uma espécie de contagem regressiva começa a soar perturbadoramente em minha cabeça. Embora tenha até 20 de dezembro para o depósito de minha tese, eu gostaria de entrega-la até o início de novembro.

(15/06) Mesmo diante de elogios de minha orientadora [...] não estou satisfeito com meu desempenho e tenho me sentido “uma fraude” [...]. Sinceramente, quando olho para aquilo que é produzido por alguns colegas e para que o que estou produzindo em meu ritmo e disponibilidade de trabalho, sinto-me um tanto mal. Estou escrevendo pouco, talvez até pensando pouco...

(29/06) Socorro!!! Não estou produzindo como deveria e gostaria, amanhã, sábado, ainda tenho reunião xxx. Estou muitíssimo cansado e atrasado em meu cronograma.

(10/07) Mesmo com todas as distrações típicas das férias, os últimos quatro dias foram de intensa reflexão, pois pude me desligar dos demais afazeres e muitas vezes olhar para o horizonte em busca do melhor caminho.

Sara:

(17/04) Hoje tomei a decisão de pôr fim ao capítulo [...] até o dia 23/04/2018 as 8hs da manhã ele estará pronto. [...] Preciso me convencer de que a tese significa escrever o que consegui dentro do prazo estabelecido conciliando o trabalho de pesquisa com todos os problemas da vida pessoal. Será uma tese inserida numa ciência normal, o importante é por um ponto final.

(20/04) Está difícil concluir o capítulo [...] vejo que falta análise mais elaborada, conclusões. [...] Preciso melhorar.

(26/04) Como é difícil cumprir prazos! Não consegui concluir o capítulo ainda. [...] Mas preciso conseguir concluir, isso é um projeto de vida.

(16/05) Meu prazo está estourando e ainda não concluí.

(22/05) No Domingo enviei para o meu orientador o que produzi até agora [...]. Me deu um alívio, pois tirei das costas um peso insuportável de escrever sozinha. A sensação boa de expor como sou, com minhas lacunas na formação e da exposição de temas que considero fundamentais na área.

(26/05) Fico indignada com o tempo da escrita – hoje trabalhei o dia inteiro [...] escrevi, escrevi e no final tenho uma página. É muito tempo! Não é possível desenvolver uma tese pensando em produtividade (nº de páginas) x tempo. A lógica capitalista não funciona.

(03/06) Já era para a tese estar pronta para enviar para a revisão, mas a minha produtividade caiu na última semana. [...] Meu orientador disse que vai conversar comigo esta semana para ver os próximos encaminhamentos. [...] Estou literalmente nas mãos do meu orientador.

(07/06) Meu orientador me enviou um email esta semana ele disse que falta muita coisa e o tempo já está acabando. [...] Enfim, terei um encontro com ele amanhã, acho que será o momento mais difícil da minha vida.

(18/06) [...] Disse que não iria associar a imagem dele ao meu trabalho, que eu não tenho competência e deveria ter continuado na escola pública. Disse também que eu deveria ter algum problema psicológico por querer fazer o doutorado. [...] Ruiu com a minha autoestima.

As questões envolvidas no processo de escrita relacionam-se, sobremaneira, à dimensão ideológica e às relações de poder, talvez mais do que a conhecimentos e a habilidades de oralidade, leitura e escrita, ao menos no doutorado, etapa que os participantes vivenciavam. Também revelam que o tempo de permanência e a imersão no ensino superior, ou seja, a socialização acadêmica, sendo eles doutorandos com título de mestrado, não é suficiente para dirimir dificuldades que são sempre específicas e situadas do doutorado.

Portanto, apresentamos, neste artigo, o diário de escrita acadêmica como ferramenta da pesquisa etnográfica nos Letramentos Acadêmicos. Por esse motivo, o intuito não é uma análise detalhada dos excertos. De qualquer maneira, em traços gerais, percebe-se que (i) cada estudante possui formas particulares de ser, pensar e agir no campo disciplinar; (ii) os bloqueios de escrita estão associados a emoções e a eventos negativos no decorrer do processo de escrita; (iii) os(as) pós-graduandos(as) não compreendem a relação entre gêneros acadêmicos, relações de poder, hegemonia e hierarquia (iv) a relação orientador-orientando e o *feedback* sobre os textos são determinantes para a produtividade (Laranjeira; Paris, 2020; Paris, 2021).

Os participantes verbalizaram posteriormente, nas conversas sobre os textos (incluindo nos diários), a influência claramente positiva da colaboração na pesquisa etnográfica pela possibilidade de refletirem, ao longo do tempo, sobre seus processos de inserção acadêmica e de (re)construção identitária, assentes nas práticas situadas de uso da linguagem na academia.

Vale ressaltar que a etnografia, por ser indutiva, parte da prática para a teoria, tendo sido esse o caminho percorrido até chegar à proposta apresentada neste artigo. Em consonância com o modelo dos Letramentos Acadêmicos (Lea; Street, 1998), o reconhecimento do “fazer etnográfico como política em ação – implica uma não separação entre o conceito de linguagem como prática social e o processo de pesquisa” (Jung; Machado e Silva; Pires-Santos, 2019, p. 150). Essa interdependência entre práticas acadêmicas, práticas sociais de linguagem e processo de pesquisa permitiu compreender o diário como um instrumento de pesquisa coerente, no campo teórico-metodológico já explicitado.

A prática do diário, por um lado, tem a função primordial de estimular um processo de reflexão sobre a própria escrita e sobre o processo de realização de dissertações, teses e/ou outros textos acadêmicos para publicação. Por outro lado, e aquele que nos interessa, nesta ocasião, discutir, o diário apresentou o objetivo de se constituir como um modo de abordar processos de escrita acadêmica nas pesquisas em Letramentos Acadêmicos.

O artigo de Lillis (2008), já referido, é fundamental para se compreender a etnografia como *teoria e método* no contexto dos Letramentos Acadêmicos. Assim, a etnografia como *teorização profunda*, ao privilegiar a visão processual da escrita acadêmica, permite que o foco esteja não somente no texto, mas também largamente no contexto, sendo isso que define, por natureza, o modelo dos Letramentos Acadêmicos (Lea; Street, 1998).

Além dos diários, ao adotar a etnografia como perspectiva teórica e epistemológica, foram considerados aspectos textuais e contextuais. Para tanto, a geração de dados incluiu diversos instrumentos e técnicas, tais como histórias de letramento dos participantes, entrevistas, conversas cíclicas sobre os textos, textos das teses e/ou publicações de artigos científicos e, por fim, o *journey plot*.

Por último, o diário de escrita acadêmica foi um instrumento elaborado com o intuito de captar processos de escrita da tese e de (re)construção de identidades acadêmicas, tendo evidenciado os letramentos múltiplos (Ivanič, 1998; Street, 2014) envolvidos no processo de realização de uma tese de doutorado, os quais oportunizaram ir além da etnografia como método ou metodologia, mobilizando-a como uma teoria.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos, a partir da *etnografia como teorização profunda* (Lillis, 2008), a necessidade de discutir, aprofundar e consolidar questões teórico-metodológicas nos Letramentos Acadêmicos (Lea; Street, 1998), no contexto brasileiro. No âmbito da pós-graduação, recorte que aqui realizamos, os saberes, competências, atitudes e valores envolvidos nas práticas acadêmicas são de tal complexidade e especificidade que é importante desenvolver instrumentos e técnicas em um campo que merece investimento em termos de pesquisas e ações concretas, até como forma de política em ação (Jung; Machado e Silva; Pires-Santos, 2019). Foi, pois, o que pretendemos realizar, privilegiando o diário de escrita acadêmica como um aporte para essas considerações.

Tal como afirmamos em outros trabalhos (Laranjeira; Miranda; Paris, 2022), estão disponíveis, na comunidade acadêmica internacional, extensas pesquisas etnográficas, inclusive como teorização profunda, nos Letramentos Acadêmicos. Acreditamos que, no Brasil, essa perspectiva configura-se como um terreno fértil para o desenvolvimento de outras pesquisas e de propostas de ensino da escrita acadêmica. Julgamos que esse é um franco e longo caminho a ser percorrido, mas necessário para as investigações, cujas análises têm em conta as diferentes identidades sociais, ideologias e relações de poder.

Tendo isso em vista, estudos que dialoguem com abordagens teóricas oriundas de diferentes disciplinas de referência, como é próprio da Linguística Aplicada (Kleiman; Vianna; de Grande, 2019), também contribuem para debater problemas encontrados no decorrer das investigações e propiciam o desenvolvimento de diversos instrumentos e métodos de pesquisa. Nesse sentido, concordamos com Jung, Machado e Silva e Pires-Santos (2019) quando afirmam que “[...] apesar de algumas pesquisas em LA ainda apresentarem pudor em afirmar que realizam pesquisas etnográficas ou etnografias da linguagem, a experiência etnográfica nesse campo não difere das demais áreas de conhecimento, como por exemplo da Antropologia e da Educação” (Jung; Machado e Silva; Pires-Santos, 2019, p. 158).

Portanto, parafraseamos as autoras na conclusão deste trabalho, assumindo que também investigações em LA, no campo dos Letramentos Acadêmicos, podem se desfazer desse mesmo “pudor em afirmar que realizam pesquisas” nas quais concebem a *etnografia como teorização profunda*. Defendemos, então, que não se trata meramente de investigações de “nuance”, “tipo”, “viés” ou “cunho” etnográfico, mas, sim, de etnografias.

Ao longo do artigo, destacamos, em síntese, “um conjunto de práticas, procedimentos e discursos que dada comunidade científica utiliza e que acaba por determinar o que são, ou não, procedimentos legítimos de investigação ou de produzir conhecimento”, tal como Fernandes (2009, p. 77) nos apresenta. Por isso, acreditamos que foram explicitadas as questões de natureza ontológica, epistemológica e metodológica que permitem reivindicar a *etnografia como teorização profunda*. Esperamos que este artigo convide e estimule mais pesquisas etnográficas em LA, no campo dos Letramentos Acadêmicos.

REFERÊNCIAS

- ALASZEWSKI, A. *Using diaries for social research*. London: Sage publications, 2006.
- BLOMMAERT, J. On scope and depth in linguistic ethnography. *Journal of Sociolinguistics*, Oxford, v. 11, n. 5, p. 682-688, out. 2007.
- FERNANDES, D. *Aprender para avaliar: fundamentos, práticas e políticas*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- FIAD, R. S. Reescrita, Dialogismo e Etnografia. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 13, n. 3, p. 463-480, set./dez. 2013.
- FISCHER, A. *A construção de letramentos na esfera acadêmica*. 2007. 340 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- GARCEZ, P. M.; SCHULZ, L. Olhares circunstanciados: etnografia da linguagem e pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 31, n. especial, p. 01-34, ago. 2015.
- GRIMES *et al.* Aproximações Teórico-Metodológicas entre a perspectiva sociocultural dos letramentos e a teoria Histórico-Cultural. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 17, n. 4, p. 3056–3078, out./dez. 2022.
- IVANIČ, R. *Writing and identity: the discursual construction of identity in academic writing*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1998.

- JONES, K.; MARTIN-JONES, M.; BHATT, A. A construção de uma abordagem crítica, dialógica para a pesquisa sobre o letramento multilíngue: diários de participantes e entrevistas. In: MAGALHÃES, I. (org.). *Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores*. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 111-158.
- JUNG, N. M.; MACHADO E SILVA, R. C.; PIRES-SANTOS, M. E. Etnografia da linguagem como políticas em ação. *Calidoscópio*, São Leopoldo, v. 17, n. 1, p. 145-162, jan./abr. 2019.
- KLEIMAN, A. B.; DE GRANDE, P. B. Interseções entre a Linguística Aplicada e os Estudos de Letramento: desenhos transdisciplinares, éticos e críticos de pesquisa. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 36, p. 11-30, jan./jun. 2015.
- KLEIMAN, A. B.; VIANNA, C. A. D.; DE GRANDE, P. B. A Linguística Aplicada na contemporaneidade: uma narrativa de continuidades na transformação. *Calidoscópio*, São Leopoldo, v. 17, n. 4, p. 724-742, dez. 2019.
- LARANJEIRA R. M.; MIRANDA, F. D. S. S.; PARIS, L. G. *Letramentos acadêmicos no Brasil: diálogos e mediações em homenagem a Raquel Salek Fiad*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.
- LARANJEIRA, R. M.; PARIS, L. G. Tensões entre legitimidade e autenticidade nas publicações em inglês por doutorandas brasileiras. *Letras*, Santa Maria, volume especial 2020, número 03, p. 49-75, 2020.
- LEA, M.; STREET, B. V. Student writing in higher education: an academic literacies approach. *Studies in higher education*, Londres, v. 23, n. 2, p. 157-172, ago. 1998.
- LILLIS, T. Ethnography as Method, Methodology, and “Deep Theorizing”: Closing the Gap Between Text and Context in Academic Writing Research. *Written Communication*, Thousand Oaks, v. 25, n. 03, p. 352-388, jul. 2008.
- LILLIS, T. et al. (org.). *Working with Academic Literacies: case studies towards transformative practice*. Anderson, South Carolina: Parlor Press; Fort Collins, Colorado: WAC Clearinghouse, 2015.
- LILLIS, T.; CURRY, M. J. *Academic writing in a global context: the politics and practices of publishing in English*. New York: Routledge, 2010.
- LUCENA, M. I. P. Práticas de linguagem na realidade da sala de aula: contribuições da pesquisa de cunho etnográfico em Linguística Aplicada. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 31, n. especial, p. 67-95, ago. 2015.
- MACHADO, A. R. *O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MIRANDA, F. D. S. S. *Letramentos (en)formados por relações dialógicas na universidade: (res)significações e refrações com tecnologias digitais*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.
- MIRANDA, F. D. S. S.; FIAD, R. S. Letramentos Acadêmicos e ensino: visadas nas produções da academia brasileira na segunda década do século XXI. *Revista Latinoamericana de Estudios de la Escritura*. Santiago, v. 1, n. 1, 2024.
- NAVARRO, F. et al. Manifesto: Reconsideração do Inglês como Língua Franca em Contextos Acadêmico-Científicos. *Revista da Anpoll*, Campinas, v. 54, n. 1, p. 01-10, e1926. nov. 2023.
- PARIS, L. G. *Letramentos acadêmicos de doutorandos: entre mediações e publicações*. 2021. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

PASQUOTTE-VIEIRA, E. A. Letramentos Acadêmicos: a aliança entre a linguística e a etnografia. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 44, n. 2, p. 695-710, maio/ago. 2015.

PIRES-SANTOS, M. L. *et al.* "Vendo o que não se enxergava": condições epistemológicas para construção de conhecimento coletivo e reflexivo da língua(gem) em contexto escolar. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 31, n. especial, p. 35-65, dez. 2015.

RAMPTON, B.; MAYBIN, J.; ROBERTS, C. Methodological foundations in linguistic ethnography. *Tilburg Papers in Culture Studies*, paper 102, p. 01-24, jul. 2014. Disponível em: <https://research.tilburguniversity.edu/en/publications/methodological-foundations-in-linguistic-ethnography>. Acesso em: 10 dez. 2023.

SILVA OLIVEIRA, F. B. *Identidade e agência de estudantes negras em contexto de letramentos acadêmicos no período de aprovação das cotas na Unicamp*. 2021. 132f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

STREET, B. V. *Literacy in Theory and Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

STREET, B. V. "What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice". *Current Issues in Comparative Education*, Nova York, v. 5, n. 2, p. 77-91, primavera 2003.

STREET, B. V. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

STREET, B. V.; LEA, M. R.; LILLIS, T. Revisiting the question of transformation in academic literacies: the ethnographic imperative. In: LILLIS, T. *et al.* (org.). *Working with Academic Literacies: case studies towards transformative practice*. Anderson, South Carolina: Parlor Press; Fort Collins, Colorado: WAC Clearinghouse, 2015. p. 383-390.

ZAVALA, V. Quem está dizendo isso?: Letramento acadêmico, identidade e poder na educação superior. In: VÓVIO, C. L.; SITO, L.; DE GRANDE, P. B. (org.). *Letramentos: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em linguística aplicada*. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 71-95.



Recebido em 10/12/2023. Aceito em 01/03/2024